

## **A Arquitetura civil e a ornamentação: diálogos e contextos no centro histórico de Diamantina, MG**

Civil Architecture and the ornamentation: dialogues and contexts in  
the historic center of Diamantina, MG

Celina Borges Lemos\*

### **RESUMO**

As dimensões dos ornamentos presentes no conjunto da arquitetura civil registram elementos singulares na paisagem cultural do patrimônio diamantinense, tombado pelo IPHAN e pela UNESCO, respectivamente em 1938 e em 1999. O estudo elabora reflexões sobre elementos técnicos, artísticos e seus desdobramentos a partir da pesquisa realizada pelo artista e historiador José Wash Rodrigues (1891-1957), e depois pelo pesquisador mineiro Sylvio de Vasconcellos (1916-1979). Busca estabelecer um diálogo entre alguns detalhes decorativos presentes na arquitetura civil apontados pelos autores amparados pelo acervo de imagens fotográficas recentes. Pressupõe-se que parte desses detalhes decorativos, identificados e desenhados por Rodrigues no seu “documentário”, desapareceu das fachadas e dos interiores desse conjunto, esses particularizados pelas cores dos ornatos, leveza dos gradis, detalhes dos capitéis e das vedações, além das pinturas dos tetos. A arquitetura, seus ornamentos e esse acervo imagético compõem vestígios da singularidade desse patrimônio, além de buscar definir novos aspectos artísticos e técnicos de um peculiar olhar para salvaguarda desse acervo.

**Palavras-chave:** cultura, ornamentação, documentário arquitetônico, patrimônio civil.

### **ABSTRACT**

The dimensions of the ornaments present in the set of civil architecture register unique elements in the cultural landscape of the Diamantina heritage, listed by

---

\* Professora Titular da Escola de Arquitetura UFMG

IPHAN and UNESCO, respectively in 1938 and 1999. This study elaborates some reflections on these technical and artistic elements and their developments from the research carried out by the artist and historian José Wash Rodrigues (1891-1957), published in the 1940s, entitled “Architectural Documentary” and later by the researcher from Minas Gerais Sylvio de Vasconcellos. It establishes a dialogue between some decorative details present in civil architecture pointed out by the authors, also supported by the collection of photographic images, part of the inventory carried out by EAUFMG in 1998 for the purposes of its worldwide listing. Part of these decorative details, identified and drawn by Rodrigues in his “documentary”, disappeared from the facades and interiors of this set, these particularized by the colors of the ornaments, lightness of the railings, details of the capitals and fences, in addition to the paintings from the ceilings. The architecture, its ornaments and this imagery collection make up traces of the uniqueness of this heritage, in addition to seeking to define new artistic and technical aspects of a peculiar look to safeguard this collection. These characteristics interact with the local culture, while reinforcing the clarification and appreciation of other heritage and traditions in the region.

**Keywords:** Culture, ornamentation, architectural documentary, civil heritage.

## 1. ALGUNS PREÂMBULOS

Abordar a questão do ornamento nas construções edificadas durante os períodos colonial e do Brasil imperial se tornou um grande desafio. Para pesquisadores de história, teoria e análise crítica na Escola de Arquitetura este tema tem se tornado de destaque recentemente. Parte do estudo sobre a arquitetura civil em Diamantina-MG, intenciona um olhar específico sobre ornamentação ou os acabamentos das suas fachadas, ou seja, ela se apresenta como um reencontro com a pesquisa seminal, por ocasião dos trabalhos e levantamentos realizados desde o ano de 1998. Neste sentido, ele marca um recomeço em que muitos caminhos de continuidade e verificações no centro diamantinense ainda se fazem necessários.

Ao se verificar as pesquisas desenvolvidas sobre arquitetura civil na cidade, um dos seus principais desafios diz respeito às fontes pesquisadas. Parte substantiva dessa análise se referencia nos estudos do escritor, pesquisador e arquiteto Sylvio

de Vasconcellos (1916-1979), quando professor da Escola de Arquitetura da UFMG. Além da sua valiosa contribuição, estudos como o do filólogo e historiador Ayres da Mata Machado Filho (1909-1985)<sup>2</sup>, nascido em Diamantina, entre outros, também se fazem presentes e singularizam as análises do então Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio<sup>3</sup>.

Torna-se relevante destacar que parte deste acervo arquitetônico ter sido sede e ou moradias de intendentess e de outros dirigentes, que permaneceram ou passaram pelo Distrito. Quanto ao estudo sobre os pintores ou construtores que contribuíram na região, durante os séculos XVIII e XIX, há reduzidas fontes e muitas delas integram os inventários elaborado pelo IPHAN, por ocasião do tombamento mundial.

Num outro aspecto, parte substantiva dessa abordagem se vincula mais aos detalhes registrados pelas fotografias, do que às documentações pertinentes. Entre esses registros, notabilizam-se a temática da ornamentação das fachadas e muito raramente a da pintura presente nos interiores dessas construções. A partir dessas ressalvas, os diálogos entre as fotografias, as publicações e documentações possibilitam essas incursões do olhar sobre esse acervo vivo na paisagem cultural local.

Nessa reflexão, além dos estudos mencionados acima, torna-se relevante os estudos e registros do pesquisador, pintor e desenhista, entre outras competências, de José Wasth Rodrigues (1891-1957), a partir da sua obra publicada em 1945, intitulada “Documentário Arquitetônico”. Sua pesquisa sobre Diamantina, de 1919

---

<sup>2</sup>MACHADO FILHO, Ayres da Mata, *Arraial do Tijuco, Cidade de Diamantina*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

<sup>3</sup>SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*. São Paulo: EDUSP / Itatiaia, 1976.

e depois 1930, integra um conjunto de iniciativas as quais possibilitou que Rodrigues percorresse diversas regiões brasileiras<sup>4</sup>,

Ricardo Severo patrocinou as viagens de estudos do pintor e desenhista paulistano José Wash Rodrigues (1891-1957), e do pintor italiano Alfredo Norfini (1867-1944), com o intuito de recolher subsídios para seus projetos tradicionais, como para divulgar a arquitetura colonial no Brasil, vista como herdeira direta das velhas tradições artísticas portuguesas. Na introdução do “Documentário Arquitetônico”, publicado em 1945, Wash Rodrigues sugere que as viagens a Iguape e Minas Gerais haviam sido realizadas em 1918 e sob orientação de Otto Weiszflog.

Vale lembrar que, posteriormente, 1924 lá também esteve Lúcio Costa, patrocinado por José Mariano Filho (1881-1946), escritor e crítico de arte e arquitetura, quando presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes. Como grande defensor da arquitetura nacional ele se encontrava articulado com as ideias de Ricardo Severo (1869-1940). Costa, naquela época, também defensor do Neocolonial, visitou Minas com o intuito semelhante ao de Rodrigues. Ocasão esta em que desenhou várias arquiteturas sacras e civis, algumas delas referenciadas nesse estudo.

## **2- O ARRAIAL DO TIJUCO, PARTICULARIDADES NA PAISAGEM**

De acordo com Sylvio de Vasconcellos<sup>5</sup>, o desenvolvimento do Arraial deu-se em três etapas: a primeira, de 1700 a 1720, baseada em uma ocupação esparsa; a segunda, de 1720 a 1750, quando o reticulado se estabeleceu; e a terceira, de 1750 em diante, a partir houve da consolidação e depois expansão urbana do sítio. Cumpre notar, no entanto, que a grande expansão só viria a ocorrer no século XIX,

---

<sup>4</sup>MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007, p.78.

<sup>5</sup>VASCONCELLOS, Sylvio de. *Formação urbana do Arraial do Tijuco*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n.14, p.121-34, 1983.

período em que o Arraial foi elevado à categoria de Vila e, posteriormente, de Cidade.

A arquitetura civil, especialmente a residencial, compõe esta análise e nessa primeira fase do arraial, entre 1700 e 1720, as construções se caracterizavam pela ampla rusticidade. Os primeiros ranchos foram construídos com peças vegetais e o seu sistema ou estrutura assim são definidos: “quatro esteios de paus roliços, quatro frechais e uma cumeeira ao alto; roliços também eram os caibros que recebiam as fibras vegetais de cobertura: sapé, folhas de palmeiras etc.”<sup>6</sup>. O fechamento inicial dessas construções, feito por tramas de paus roliços e varas, formam uma estrutura de sustentação para o barro.

Com a fixação do povoado, mesmo que esparsamente distribuído no Arraial, surge a ideia de casa: “peças de dormir, peça de estar, peça de cozinhar. A planta quadrada, inicial e única dos ranchos, divide-se em cruz”.<sup>7</sup> Registra-se nesta fase os acabamentos mais qualificados e duradouros, como as argamassas caiadas de barro, cal e areia. Nesta arquitetura, o ornamento ou ornamentação seriam definidos a partir dos afloramentos das estruturas e com eles, surge o aproveitamento plástico verificado nas fachadas enquadradas e subdivididas em painéis, conforme indica Vasconcellos<sup>8</sup>. Todo o sistema construtivo da fachada, formada pelos acabamentos, vedações e fechamentos, contribui para o embelezamento e qualificação das construções.

Para o autor, todo esse sistema compósito se constitui de uma seminal ornamentação, pois essa plástica de acabamento, corporificada na construtividade, começa a aparecer na paisagem Tijucana nos idos do século XVIII. A rusticidade das pedras dispostas no embasamento e seguida pelas fachadas define uma parcela da primeira vestimenta do corpo edificado nesse cenário da arquitetura civil. O

---

<sup>6</sup>VASCONCELLOS, 1983, p. 40.

<sup>7</sup>VASCONCELLOS, 1983, p. 41.

<sup>8</sup>VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistema Construtivo*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura UFMG, 1959.

sistema construtivo da vedação típica da arquitetura do arraial compõe-se da adoção da taipa de pilão, do pau-a-pique integrados à presença do embasamento e da alvenaria em pedra, muito utilizados devido às amplas reservas no Distrito Diamantino.

Em termos de vestimenta, as esquadrias em madeira, com folhas de tábuas emalhetadas, que acompanhavam os forros de esteira ou tabuado grosso. como as janelas implantadas no centro da parede<sup>9</sup>. A cobertura, para Vasconcellos, evoluiu com a adoção das telhas de barro semicilíndricas finalizadas por beirais apoiados em cachorros e cimalthas em madeira.

Durante o período entre 1720 e 1750, as residências tiveram suas áreas multiplicadas, através da ampliação das atribuições, mas também devido ao aumento das famílias. Neste quadro, registram-se os partidos mais diversificados, além de uma maior altimetria nos pés-direitos das vedações e dos embasamentos. Os acabamentos se sofisticam tecnicamente, e modificação nas proporcionalidades volumétricas, caracterizada por um prolongamento transversal demarcam as fachadas. Os retângulos ainda provenientes do quadrado definiram a proporção de 3,0m X 5,0m, com uma modulação na distribuição dos apoios. “Os pés-direitos passam a 3,0 ou mesmo 3,5 metros, e as janelas também se alteiam, aproximando-se mais dos beirais. A distância entre elas e os frechais é agora a metade do espaçamento inferior entre o peitoril e os baldrames.”<sup>10</sup>

A horizontalidade da residência ainda predomina e ela define uma equivalência entre os vãos e as vedações, uma marca do conjunto. A planta também se diversificou, no sentido de atender a uma diferenciação de funções. Junto dessa mudança observa-se a melhoria técnica dos detalhes: a adoção dos forros em madeira e da treliça como elemento de revestimento das áreas molhadas. Segundo Vasconcellos, nesta fase as pinturas de ornamentação se tornam presentes: o teto

---

<sup>9</sup>Para maiores detalhes sobre o conceito de vestimenta ver: SEMPER, Gottfried, *The Four Elements of Architecture and Other Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

<sup>10</sup>VASCONCELLOS, 1983, p. 41.

em saia-e-camisa, ao lado de forros lisos ou emoldurados, foi valorizado por pinturas e entalhes. Nas fachadas, os beirais estreitos se estruturam com os cachorros e cimalha, decorada ou não. O material e detalhes adotados nesses fechamentos de telhado muitas vezes compõem com os das folhas das janelas, guilhotinas e portas em almofadas perfiladas.

A vedação da janela treliçada denominadas rótulas e gelosias, muito contempladas por Rodrigues e Costa, define uma nova luminosidade interna<sup>11</sup>. A construtividade dessa fase aponta para a presença da pedra crescem em qualidade devido às suas novas técnicas de cortes e lavragem e adquirem função mais relevante. Sua disposição integra a alvenaria e conforma pisos ou escadas, além de intercalar com a madeira dos guarda-corpos e cunhais. Para Vasconcellos, a aplicação da pedra caracterizada por um corte mais preciso e menos rústico sofisticada a herança rural.

O terceiro momento do Arraial, a partir de 1750, indica a fase de consolidação do Arraial do Tijuco, apesar disso, as espacialidades ainda não configuram uma significativa expansão e sim um mais amplo e diferenciado adensamento<sup>12</sup>. Apenas por volta de 1831, com a elevação do Arraial do Tijuco à categoria de Vila Diamantina, o aglomerado inauguraria uma nova dinâmica de desenvolvimento urbano.

A arquitetura elaborada ao final do segundo período oscilou entre os partidos inscritos em lotes de frente estreita e aqueles caracterizados pelos amplos terrenos. Prolongadas e reduzidas fachadas localizavam-se em todos os pontos da malha central, com uma maior incidência das segundas, na retícula urbana inicial. Os partidos incidiam de forma paralela ou longitudinal às ruas, criando ocupações em profundidade. Através de corredor lateral de comprimento variável, a circulação

---

<sup>11</sup>RODRIGUES, José Wash. *Documentário Arquitetônico: Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

<sup>12</sup>Ver: MACHADO FILHO, 1980; VASCONCELLOS, 1983

articulava-se com as áreas íntimas, sociais e de serviço, onde os cômodos eram dispostos sucessivamente.

Na frente, a sala; no meio, as alcovas; atrás, o serviço. O corredor é a peça vital: dá acesso à vivenda, atende à circulação interna, permite o trânsito da rua aos quintais e, por isso mesmo, recebe tratamento variado. Por ele entram as visitas, mas entra também o cavalo arreado ou o burro carregado. Por ele atinge-se o porão, quando existente, usando-se o alçapão disfarçado de soalho, e o sótão, o vazio da cobertura, buscado por escadas discretamente agenciadas<sup>13</sup>.

Juntamente às transformações programáticas e distributivas das plantas residenciais, marca o final do século XVIII o surgimento do sobrado, renovado sistema construtivo e, conseqüentemente, uma diferenciada ornamentação. A ocupação do solo se traduz em um melhor aproveitamento dos terrenos, ao mesmo tempo que há uma redução da sua horizontalidade de fachada. Essa postura conformou tipologias de residências dotadas de varandas laterais, ao lado dos sobrados de dois ou três pavimentos. A arquitetura nem sempre visou, segundo Sylvio de Vasconcellos<sup>14</sup>,

[...] atender à ampliação da moradia propriamente dita, mas a abrigar dependências anexas indispensáveis à vida ou ao trabalho de seus moradores”. Neste sentido, o cenário do sítio adquire maior notoriedade e diferenciações construtivas, haja vista a renovações, ampliações mesmo uma maior sofisticação das construções.

Sylvio de Vasconcellos: O pé-direito foi ampliado, e os vãos esticaram-se para cima e para baixo em janelas rasgadas por inteiro, providas de sacadas ou de parapeitos entalhados, com balaústres que multiplicavam as linhas verticais das construções.

### **3. O ACABAMENTO E A ORNAMENTAÇÃO PELOS OLHARES DOS SEUS VISITANTES.**

---

<sup>13</sup>VASCONCELLOS, 1983, p. 42.

<sup>14</sup>VASCONCELLOS, 1983, p. 42.

Os desenhos de Wash Rodrigues sobre Diamantina evidenciam que uma boa parte dos edifícios civis implantados explora o declive natural do terreno e cria até embasamentos, com escadas, para facilitar os acessos. Muitas vezes conformam térreos com porões, ou mesmo acomodações comerciais e integram a entrada lateral para o segundo andar. Notifica-se a presença das pedras nesses embasamentos, como também a melhoria técnica dos seus cortes nessa terceira fase em diante do conjunto arquitetônico tijucano, o qual atestou Rodrigues, seria uma maneira de construir com a adoção do material regional.

Sobre os telhados, parte relevante e característica dos acabamentos, observa-se nos desenhos de Rodrigues, que as construções mais antigas prevalecem as duas águas e as mais recentes, quatro águas. Estrutura do telhado em madeira e as telhas de barro canal em capa definem a técnica distributiva predominante. No fechamento dos telhados, os beirais com guarda pó em madeira e os com cimalha, cornijas em madeira ou estuque pintados tipificam as fachadas. Os beirais pintados por estampas florais, estas também identificadas nas sobrevergas e cunhais, não se encontram mais presentes nas fachadas, mesmo antes da segunda metade do século XX, mas se revelavam característicos de Diamantina:

[...] rústicos e ingênuos, mas sempre interessantes no imprevisto de sua originalidade, na escolha das cores ou nos próprios motivos [...], característicos, que a par de outros, como a excelente carpintaria dos beirais, os vidros das janelas com ramos de flores estampados etc., dão à cidade um ar festivo e um aspecto próprio inconfundíveis<sup>15</sup>.

A gárgulas, que finalizam as calhas, retratam também outro detalhe do telhado típico do antigo arraial. O autor assim as nomeia: “Businetes para escoamento da água das calhas, arte de latoeiro”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup>RODRIGUES, 1979, p. 158.

<sup>16</sup>RODRIGUES, 1979, p. 160.

Em termos de acabamentos e materiais, as aberturas das janelas, em seu clássico estudo sobre o sistema construtivo, Vasconcellos (1959) os sistematiza em dois principais, as janelas com “peitoris” e as “rasgadas”, as quais se verificam no local. As primeiras se abrem sobre o peitoril “cheio”, e as segundas, podem ser rasgadas por inteiro, ou seja, desde a verga até o piso com o parapeito da janela sempre vazado e inserido entre as ombreiras. Nessas técnicas o parapeito se insere entalado nas ombreiras ou “sacado para fora” e as folhas dessas janelas se assemelham às das portas, mesmo que não cheguem até as soleiras<sup>17</sup>.

Na introdução do “Documentário Arquitetônico”, Rodrigues cita Minas ao abordar o fechamento dos vãos. O autor registra a antiga janela com postigo simples, seguida depois da chegada dos caixilhos com vidro, mais próximo do século XIX. “À princípio eram os vidros postos em pequenos caixilhos sobre os postigos, depois tornaram a janela inteira”<sup>18</sup>. No caso das portas elas acompanham, em geral, esses acabamentos e se adequam às técnicas de cada período. Vasconcellos mostra que tanto nas vedações das janelas como as das portas, ao se tornarem mais altas e esguias, constata-se a incidência das bandeiras, principalmente a partir do século XIX.

Entre outros acabamentos mais mencionados pelos autores em Diamantina, ainda no tempo do Arraial, encontram-se detalhes ornamentais verificados por Rodrigues e Vasconcellos nos seus estudos respectivos. Os Muxarabis, as vedações das janelas e os guarda-corpos em rótulas de madeiras delgadas e trançadas/treliçadas se tornaram uma referência artística nos acabamentos. Rodrigues desenhou o Muxarabi e a sacada torneada da Biblioteca Antônio Torres, na rua da Quitanda. Nesse mesmo desenho ele apresenta o sobrado com varanda envidraçada e saliente, edificação depois modificada, provavelmente nos anos de 1930.

---

<sup>17</sup>VASCONCELLOS, 1959, p. 97.

<sup>18</sup>RODRIGUES, 1979, p. 04.

O autor desenha também a varanda saliente, revestida de rótulas, situada na parte lateral da fachada, na Casa Chica da Silva. No acesso principal também se verificam as “sacadas com guarda corpo de madeira torneada” junto da janela rasgada ou porta janela. Outra edificação destacada pela “varanda saliente em rótulas” situa-se na Rua do Bonfim junto do templo do mesmo nome, residência onde viveu o pintor diamantinense José da Cunha Vale.

Um outro original acabamento corresponde a varanda saliente de origem islâmica, presente no Beco da Tecla, em que os “atirantados” em madeira funcionam como suporte e detalhe artístico. O Passadiço da Casa da Glória, sede do antigo Colégio de Nossa Senhora das Dores, desde sua construção na segunda metade do século XIX, se tornou uma identidade na paisagem diamantinense. Referenciado tecnicamente nas obras dos pontilhões, construído pelo britânico e engenheiro John Rose, sua construção exhibe uma qualidade excepcional de marcenaria e ferraria ornamentada com destaque para a estrutura em ferro fundido.

Rodrigues notifica uma variedade de grades, as quais funcionam como guarda-corpos inicialmente elaboradas com o ferro forjado ou batido, rerepresentavam os mais antigos e simples, muitas vezes apresenta acabamentos mais rugosos e grosseiros. Com os avanços das técnicas das ligas metálicas derivadas do ferro a solução fundida ganha presença nas fachadas, através das lumiarias e guarda-corpos. Com essa liga metálica em que estão presentes o ferro, o carbono e o silício, o ferro fundido permitem desenhos artísticos mais leves, sinuosos e a repetição dos padrões com mais qualidade final.

Como mostra Rodrigues, a madeira torneada perde para a presença das grades e portadas em ferro com composição de ornatos repetidos, forjado e depois fundido. Observam-se a presença dessas ligas metálicas artísticas em edificações assobradadas principalmente como as das praças Barão de Guacuí, Joubert Guerra, e as das ruas Direita, Bonfim, entre outras. Os suportes de luminárias atribuem mais detalhes ornamentais nas fachadas, adotados desde o século XIX,

predominantemente. Além dos desenhos florais dos gradis e guarda-corpos, os de ferro torneado se aproxima dos antigos em madeira e trazem leveza para as portadas com espelhos de fechaduras decorados e janelas.

“Estreitas e altas, abrem-se as fachadas quase por inteiro em janelas e portas, aproveitando ao máximo as faces livres da construção, enriquecidas pelo ondular das vergas curvas quase contínuas.”<sup>19</sup> No caso de Diamantina, tinha-se a prevalência de balcões com guarda-corpo e gradis em madeira e, posteriormente, em ferro. No século XVIII essas aberturas tinham guarda-corpo seccionado que, posteriormente, se tornou corrido. Para Vasconcellos, o guarda corpo corrido o ferro acompanhava o modo de produção, que ia do artesanal ao industrializado, estando integrado à sofisticação também da carpintaria de portas e janelas.

Junto das aberturas destacam-se a presença das bandeiras sobre as portadas e janelas em guilhotinas desenhadas artisticamente. O pesquisador ressalta na Rua Direita as especificidades das bandeiras nas janelas e os gradis trabalhados nas varandas e sacadas, além da presença da “janela de guilhotina com ornato vasado, Rua do Carmo”<sup>20</sup>. Outras particularidades dos desenhos das vedações conformam os arcos apontado e ou os arcos pleno ou abatido os quais finalizam as guilhotinas e bandeiras ornamentadas, a guilhotina de vidro pintado com estilização de florais, além das folhas das janelas com pinásios. E nas reminiscências dos interiores arquitetura civil sobressai o sobrado do então Intendente Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá guardou um teto pintado, atualmente referência única nesse percurso.

Entre fatores históricos e culturais diferenciados, observa-se que parte significativa dos pormenores ornamentais, ou mesmo construtivos e arquitetônicos do conjunto estudado pelos autores, tem desaparecido do conjunto tombado mundialmente. Fato este já mencionado prematuramente por Rodrigues, quando da sua volta a

---

<sup>19</sup>VASCONCELLOS, 1983, p. 42.

<sup>20</sup>RODRIGUES, 1979, p. 160.

Diamantina durante a construção da Catedral Metropolitana de Diamantina, construção concluída em 1940<sup>21</sup>.

Recebido em: 02/04/23 - Aceito em: 28/06/23

## REFERÊNCIAS

MACHADO FILHO, Aires da Mata, *Arraial do Tijuco*, Cidade de Diamantina. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007.

MOREIRA, Fernando Diniz et al. Ruskin, Sullivan e Loos: Sobre o conceito de ornamento industrial. *ARQUITEXTOS*. 178.01 crítica. Ano 15, mar. 2015.

RODRIGUES, José Wash. *Documentário Arquitetônico: Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979;

SODRÉ, João Clark de Abreu. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. (Dissertação de Mestrado). Orientador José Tavares Correia de Lira. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-FAU USP. São Paulo, 2010

SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*. São Paulo: EDUSP / Itatiaia, 1976.

SEMPER, Gottfried, *The Four Elements of Architecture and Other Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Formação urbana do Arraial do Tijuco. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n.14, p.121-34, 1983.

---

<sup>21</sup>Para mais informações sobre o tema, ver também: SODRÉ, João Clark de Abreu. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)* (Dissertação de Mestrado). Orientador José Tavares Correia de Lira. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-FAU USP. São Paulo, 2010.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais* – I, II, III, IV. (1946-47). Belo Horizonte, Escola de Arquitetura UFMG, 1959a.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistema Construtivo*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura UFMG, 1959b